

## ALGUNS OBSTÁCULOS CRÔNICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Betty Oliveira\*  
Newton Duarte\*\*

A educação de jovens e adultos no Brasil tem esbarrado com alguns obstáculos crônicos, que não têm merecido a devida atenção nos debates atualmente realizados. Um dos principais refere-se às conseqüências geradas no processo ensino-aprendizagem em razão da mentalidade de que para ensinar jovens e adultos **basta ter boa vontade** e bom **senso**. Os educadores que assim pensam não conseguem perceber que grande parte das dificuldades de aprendizagem de seus educandos resultam exatamente da sua própria falta de conhecimento em relação à organização de condições de ensino adequadas às características do educando adolescente e adulto. Conseqüentemente, não compreendem a necessidade de se pesquisar, o mais profundamente possível, todos os múltiplos aspectos constitutivos do processo ensino-aprendizagem realizado com aquele educando.

O não perceber ou o não querer analisar rigorosa e sistematicamente esse processo impede até que se perceba a existência desses aspectos (de *per si* e em suas relações entre si) e de suas implicações sociais. Não é, portanto, o não perceber tais aspectos, seus condicionantes e implicações sociais ou o não querer admiti-los como existente que irá tornar menos ou mais fácil o processo de ensinar. Mas é conhecendo-se real-

\* Betty Oliveira é professora do Curso de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

\*\* Newton Duarte é pesquisador do Programa de Educação de Adultos no Programa de Pós-graduação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

mente a complexidade desse processo que se pode programá-lo para se obter a maior eficácia possível, dentro das circunstâncias viáveis. Considerar a educação de jovens e adultos como mera questão de boa vontade e de bom senso é uma forma bastante inconseqüente de mascarar a falta de um compromisso real com as camadas populares alijadas da escolarização. O que se tem constatado é que esses educadores, em geral, não chegam ao final do seu trabalho pedagógico, nem repensam sua prática a partir do produto gerado em seus alunos, não procuram refletir, por exemplo, sobre o que os leva a não alfabetizar adequadamente. Em conseqüência, não vêem como sua prática, apesar do discurso progressista, contribui para a manutenção do analfabetismo e das injustiças sociais daí advindas, contra as quais tanto clamam.

Não se quer dizer com isso que todo educador de jovens e adultos deve desenvolver pesquisas sobre a educação desses alunos; sabe-se o quanto isso é realmente inviável. Há, porém, aqueles (embora muito poucos) que estão se dedicando à pesquisa comprometida com as transformações sociais, no intuito de possibilitar um conhecimento mais profundo sobre o processo de ensino-aprendizagem do saber escolar, no que se refere ao jovem e ao adulto. Procuram, assim, contribuir para que o senso comum subjacente à prática cotidiana dos educadores vá sendo modificado, gerando, com isso, uma ação mais adequada aos objetivos daquelas transformações.

A pesquisa no campo da educação de jovens e adultos precisa ser desenvolvida através de uma metodologia adequada à especificidade da prática educativa destinada a alunos nessas faixas de idade. Muitos pesquisadores experientes em investigações sobre a criança chegam a conclusões equivocadas quando se põem a pesquisar sobre jovens e adultos, justamente por não atentarem para certos aspectos específicos do raciocínio e do comportamento desse tipo de educando.

O ensino da Matemática para alfabetizando jovens e adultos, por exemplo, tem sido relegado ao descaso, abandonado às tentativas de

adaptação de metodologias criadas inicialmente para o ensino infantil e considerado área de difícil exploração pelos próprios professores (em consequência de certos receios em relação à Matemática) ou ainda, problema secundário pela quase totalidade dos profissionais da área de Matemática. Enquanto a discussão sobre o processo específico da alfabetização de jovens e adultos já avançou em certo sentido — embora tenha ainda um caminho longo a trilhar —, o processo de reflexão sobre o ensino da Matemática para esses alfabetizando ainda está se iniciando.

Não é segredo para ninguém que os índices de analfabetismo são alarmantes. Pois mais alarmantes ainda são aqueles relativos ao domínio do cálculo elementar escrito, o que é extremamente grave numa época em que o conhecimento da Matemática se faz cada vez mais necessário à vida social.

Quanto à questão da pós-alfabetização do educando jovem e adulto, a situação é quase a mesma. Não se chega a assumir a necessidade de se realizar pesquisas sobre a pós-alfabetização enquanto fase imprescindível do aprendizado desses alunos e, conseqüentemente, garantia de um mínimo de irreversibilidade do aprendizado obtido na alfabetização.

Por outro lado, a pesquisa sobre os aspectos percepto-motores e as operações cognitivas da aprendizagem desse tipo de educando não tem sido preocupação da quase totalidade dos grupos que trabalham com educação de jovens e adultos, a não ser no nível mais imediatamente perceptível, como o caso de falta de coordenação motora no que concerne ao uso dos músculos da mão para segurar e dirigir o lápis na escrita de letras e números.

Para se desenvolver a pesquisa nessa área tão inexplorada, são necessários recursos financeiros que assegurem o longo e penoso processo de consolidação de grupos de pesquisa. Em geral, o financiamento à pesquisa só se efetiva na forma de projetos com prazos limitados, na maioria das vezes de um ano, quando muito dois. Uma equipe para ser consolidada de forma competente necessita não só de financiamentos desse tipo, mas, principalmente, de recursos continuados. É preciso ultrapas-

sar a mentalidade imediatista que prevê resultados retumbantes a curto prazo.

Outro obstáculo à concretização da educação de jovens e adultos é aquele referente ao mito de que se pode alfabetizar em três ou quatro meses. Isto é um absurdo. A escolarização fora da época prevista coloca para o aluno um sem-número de dificuldades que ele precisa superar através de um processo longo e dentro de um ritmo adequado. Hoje em dia se fala em garantir a permanência da criança por mais anos na escola. E por que o adulto, que já não teve escolarização na idade adequada, precisa ser novamente aliado de seu direito pela exigência de que se alfabetize em pouco tempo e com poucos gastos? Com efeito, não se pode alfabetizar adequadamente o jovem e o adulto em menos de um ano e essa alfabetização não se consolidará se não se oferecer ao educando recém-alfabetizado a possibilidade de estudar pelo menos por mais um ou dois anos, para garantir um mínimo de irreversibilidade do seu aprendizado. Nesse sentido, a idéia das campanhas de alfabetização, feitas como se fossem verdadeiras campanhas de vacinação, são uma farsa, que pode servir a muitos interesses, menos aos do educando adulto.

Esse tipo de ansiedade por grandes resultados, a curto prazo, decorre, dentre outras coisas, da mentalidade de que a educação de jovens e adultos é um gasto a mais no orçamento, de que é mais produtivo e urgente investir na educação infantil. Em primeiro lugar, não se pode esquecer que o contingente dos jovens e adultos desescolarizados constitui a maior parte da população brasileira sem escola. Cabe dizer que o governo não está prestando nenhum favor ao destinar recursos à educação desses alunos, mas, sim, resgatando uma dívida social.

É claro que quanto mais se investir na educação das crianças menos se precisará investir, no futuro, na educação de jovens e adultos. A própria educação infantil, todavia, depende, dentre outros fatores, de um ambiente familiar que lhe possibilite o domínio dos instrumentos da cultura letrada. Contudo, o ambiente da família não-letrada propicia às crianças a comunicação somente através daquela variante da língua padrão falada pela camada social à qual pertence (e considerada social-

mente incorreta) e impossibilita tua convivência com as várias funções da leitura e da escrita. Com isso, essas crianças chegam à escola sem muitos dos conhecimentos pré-escolares que as outras, de famílias letradas, vão adquirindo naturalmente em casa, desde a mais tenra idade. A educação dos jovens e adultos de uma família, portanto, é uma das condições básicas para o próprio desenvolvimento da aprendizagem escolar de suas crianças.

Infelizmente, mesmo alguns educadores que se dizem comprometidos com as camadas populares têm adotado a posição de que, atualmente, o político é defender a educação básica, considerando aí, entretanto, apenas • educação básica infantil, sem querer perceber que nela também está incluída a educação de jovens e adultos.

A educação de jovens e adultos precisa, ainda, ser assumida enquanto parte integrante da rede oficial de ensino. Fundações mantidas com recursos oriundos de doações deduzidas do Imposto de Renda — criando-se, assim, quase um sistema paralelo ao oficial — é uma forma de retirar do Estado aquilo que é sua obrigação, além de ser uma duplicação irracional de despesas e burocracias. De fato, não só o educando jovem e adulto tem o direito à escola pública, como o ensino aí desenvolvido precisa estar fundamentado em estudos que atentem para as suas características. Não se pode mais ficar repetindo o nefasto erro de fazer do ensino supletivo uma adaptação aligeirada e inseqüente do ensino regular.

A formação de educadores, nessa perspectiva, é uma outra questão a ser avaliada. Como formá-los adequadamente se são tão raros os estudos sobre o ensino-aprendizagem do adolescente e do adulto, sobre seus fundamentos teóricos e suas implicações sociais?

Em síntese, obstáculos crônicos (embora pouco considerados como tal) têm impedido um avanço mais conseqüente na construção de uma educação para jovens e adultos. Neste texto, procurou-se caracterizar resumidamente alguns deles, com o objetivo de incentivar estudos e debates que possam contribuir para sua superação e, conseqüentemente, para uma ação mais efetiva. Pretendeu-se, com isso, fazer um alerta contra aquela mentalidade amadorística a que nos referimos no início, de que, para ensinar jovens e adultos, basta ter boa vontade e bom senso (que na maioria dos casos tem sido mau senso).

Infelizmente, essa mentalidade tem conduzido muitos dos esforços empreendidos hoje sem que os educadores estejam tomando consciência disso, apesar do discurso progressista que apresentam.

Quando se está, realmente, comprometido com os reais interesses das camadas populares alijadas da escolarização, é indispensável a compreensão técnico-científica da educação destinada a jovens e adultos, tanto nos seus condicionantes sócio-político-econômicos, como na condução da prática educativa e nas suas implicações sociais.